

Resenha

Book review

Verdade, Racionalidade e Pragmatismo

Maria de Lourdes Bacha*

mlbacha@ig.com.br

HOOKWAY, C. (2000). *Truth, Rationality and Pragmatism: themes from Peirce*. Oxford: Clarendon Press. 313 p.

Truth, Rationality and Pragmatism é um livro que deveria ser lido por todos aqueles que estudam Peirce. Nele, Hookway demonstra seu grande conhecimento de história da ciência, filosofia e mais especificamente da filosofia de C. S. Peirce. *Truth, Rationality and Pragmatism* pode ser considerado uma continuação de outro livro de Hookway, publicado em 1992, cujo título é *Peirce*, e que constitui uma introdução geral à filosofia peirceana.

Conforme o próprio autor explica na Introdução, para se entender melhor a obra de Peirce não se pode esquecer de que ele próprio se classificava como lógico, embora seu uso da lógica compreenda muito do que atualmente se conhece como epistemologia e filosofia da linguagem. Assim, *Truth, Rationality and Pragmatism*, adquire sua unidade pela preocupação de tratar de temas que são fundamentais para o entendimento do autocontrole racional na obra de Peirce, focando alguns pontos que se tornam importantes para uma discussão contemporânea de epistemologia. Peirce tinha um profundo interesse em padrões normativos, regras e métodos que pudessem guiar-nos através de nossas investigações, para tentarmos resolver problemas ou chegar a crenças estabelecidas. Dessa forma, se nossas investigações obedecessem normas, chegaríamos à verdade.

Segundo Hookway, esse livro levou doze anos para ser escrito. Divide-se em doze capítulos, dos quais sete constituem artigos anteriormente publicados, ou foram temas de palestras, tendo sofrido algumas modificações para serem agregados como capítulos. A Introdução faz uma revisão da filosofia de Peirce, enfocando alguns temas que servirão para facilitar o entendimento dos capítulos seguintes.

O primeiro capítulo, "Belief, Confidence and the Method of Science", analisa as relações entre ciência e crença com base nos textos que compõem a série *Ilustrações da Lógica da Ciência*, com ênfase na *Fixação das Crenças*. Esse capítulo procura mostrar as relações entre ciência e crença. Aquilo que é usualmente conhecido como crença não tem lugar na ciência, e, assim sendo, o cientista não pode se apegar às suas conclusões, devendo estar sempre disposto a abandoná-las quando o curso da experiência a elas se opuser, ao contrário das decisões importantes do dia-a-dia, para as quais os homens deveriam confiar no instinto, senso comum e sentimento.

* Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e professora das Universidades Mackenzie, Unib e Unifeo.

O segundo capítulo, “Truth and the Convergence of Opinion”, oferece uma explicação sobre a teoria da verdade como convergência de opiniões e sua relação com o pragmatismo. Hookway procura mostrar como a verdade por convergência está relacionada com o realismo peirceano, em termos de uma convergência predestinada, a longo prazo, no decurso da investigação racional. O capítulo também analisa as relações entre a lógica e a metafísica, ou seja, para explicar como ocorre essa convergência, devemos apelar para a realidade das leis e entidades teóricas.

“Truth and Correspondence” é o título do terceiro capítulo, que busca analisar a concepção de verdade por correspondência na obra de Peirce, sem cair nas armadilhas do nominalismo. A visão realista de Peirce caracteriza a realidade com referência ao futuro, isto é, a relação entre uma proposição verdadeira e o real tem referência às nossas crenças no sentido de levarmos, tanto quanto possível, a investigação adiante. Nesse contexto, o entendimento da teoria peirceana dos signos é fundamental, com destaque para o papel relativo à representação icônica (mapas e diagramas).

No quarto capítulo “Truth and Reference: Peirce versus Royce”, Hookway analisa o papel dos índices no desenvolvimento do realismo peirceano. Em 1880, Peirce faz uma descoberta fundamental para o desenvolvimento de sua filosofia: a referência a coisas externas é primordialmente indexical ou demonstrativa. Essa descoberta permitiu a Peirce harmonizar sua lógica com sua teoria sistemática de referência, como também “reconciliar” o pragmatismo com uma forma robusta de realismo, idéias essas apresentadas na resenha *The Religious Aspect of Philosophy*, de Josiah Royce (CP 8.39–54).

O quinto capítulo é denominado “Vagueness, Logic and Interpretation”. Nele, Hookway discute como Peirce, juntamente com Wittgenstein e Ramsey, considera a idéia de vagueza na análise pragmática do significado, rejeitando a lei da bivalência como uma verdade universal.

A cosmologia evolucionária de Peirce é discutida no capítulo seis, cujo nome é “Design and Chance: the Evolution of Peirce’s Evolutionary Cosmology”. Hookway discute o texto “Design and Chance”, no qual Peirce aceita a doutrina do acaso absoluto como agente ativo na evolução do universo e das leis da natureza, doutrina essa que marca sua virada em direção à metafísica evolucionária. Pela hipótese do acaso absoluto, aquisição de hábitos e evolução universal, Peirce estende o postulado de que, de maneira geral, tudo é explicável.

O capítulo sete, “Metaphysics, Science and Self-Control”, discute alguns pontos da metafísica peirceana, tais como sua teoria da realidade, sua concepção de real, e a realidade e continuidade do tempo e do espaço. A metafísica científica de Peirce constitui uma tentativa de escapar da circularidade relativa ao uso do método científico.

Hookway começa o oitavo capítulo, “Common Sense, Pragmatism, and Rationality”, discutindo o papel do senso comum na filosofia peirceana, com destaque para passagens de *Some Consequences of Four Incapacities* e *The Fixation of Belief*. Peirce afirma que não podemos começar uma investigação com a dúvida completa, porque nenhuma investigação parte do nada. Também não podemos começar pela dúvida, em parte, porque é impossível psicologicamente; em parte, porque não há intuições ou premissas originárias, e, em parte, porque o senso comum nos diz que não podemos fingir duvidar filosoficamente daquilo que não duvidamos em nossos corações. O papel do senso comum torna-se mais explícito em *Issues of Pragmatism*, no qual o “critical common-sensism” se torna uma conseqüência do pragmatismo. Nesse texto, Peirce enumera seis características que o distinguem de outros autores. A primeira, é que

deveríamos considerar o papel das inferências instintivas ou indubitáveis. A segunda estabelece que crenças de senso comum variam pouco e em épocas distantes. Em terceiro lugar, senso comum é uma questão de instinto. Mas as crenças originais só permanecem indubitáveis nas aplicações que se parecem com aquelas de modos primitivos de vida. Assim, em se tratando de ciência, o senso comum não é um guia confiável porque as crenças de senso comum e inferências são “de fato muito vagas” e não estão sujeitas ao autocontrole do raciocínio, porque, para Peirce, o maior pecado seria bloquear o caminho da investigação, impedindo o progresso cognitivo.

No capítulo nove, “Sentiment and Self-control”, o tema é a busca de opiniões justificadas ou hábitos de deliberação razoáveis ou métodos de investigação satisfatórios e se eles dependem de atitudes ou aptidões que envolvam essencialmente sentimentos ou paixões. Para Peirce, sentimentos e emoções distinguem-se de outros estados cognitivos, porque não estão sujeitos ao autocontrole, e, sendo assim, parecem-se com julgamentos perceptivos e, portanto, diferem das hipóteses científicas. Eles fornecem imperativos que nos motivam a agir e não tem valor neutro. Nesse capítulo, Hookway também busca mostrar como emoções são relevantes para o trabalho de Peirce, principalmente como o pesquisador deveria ser comandado por um sistema estável de atitudes emocionais e como a lógica está fundada no princípio social, isto é, para ser lógico, o homem não deveria ser egoísta, embora não seja necessário o heroísmo do auto-sacrifício. Peirce pergunta por que deveríamos surpreender-nos em encontrar o sentimento social pressuposto na lógica? A resposta estaria na consideração de que a lógica depende do “mero esforço para escapar da dúvida”, mas, como termina na ação, deve começar na emoção, e a única causa de apoiarmo-nos na razão está no fato de que as outras formas de escapar da dúvida falham em termos do impulso social. Tudo o que se requer é a identificação do interesse individual ao interesse último da comunidade ilimitada e o mandamento supremo seria o homem estar inserido no continuum universal.

“Doubt: Affective States and the Regulation of Inquiry” é o título do décimo capítulo, no qual Hookway discute o papel da dúvida na teoria da investigação de Peirce. A dúvida da qual a investigação parte é uma dúvida real, genuína, e não simplesmente uma dúvida metodológica, um “faz-de-conta”. A investigação científica constitui um esforço para pôr fim à dúvida e voltar a um estado de crença. A verdade seria, então, um estado de crença inatacável pela dúvida. A investigação tem por objetivo único o acordo de opiniões. A filosofia pragmática de Peirce desenvolveu-se, em grande parte, em oposição ao espírito cartesiano. Peirce rejeita a idéia cartesiana de que a filosofia deve começar com a dúvida universal, ou de um *ego* isolado como fonte principal de significado e verdade, isto é, que o último teste da certeza deve ser buscado na consciência individual. Peirce também rejeita a idéia de que a inferência depende sempre de premissas indubitáveis. A dúvida viva é a vida da investigação, quando a dúvida cessa, a investigação deve parar (CP 7.314). Dessa concepção de investigação, nasce o desejo de chegar ao acordo de opiniões com respeito a uma conclusão, acordo este que seja independente de todas as limitações individuais, de caprichos, de tirania ou de acidentes.

O capítulo onze denomina-se “On Reading God’s Great Poem”. Nele, Hookway discute se os tópicos religiosos são consistentes com os outros temas tratados na obra de Peirce e se os conceitos religiosos podem ser elucidados pelo pragmatismo. Os textos religiosos mais famosos de Peirce são *The Marriage of Science and Religion, What is Christian Faith?*, de 1893, e *A Neglected Argument for the Reality of God*, de 1908. Para Peirce, a crença religiosa seria frequentemente o resultado de instinto, senso comum ou

sentimento e não de argumentos autocontrolados. Peirce herdou de seu pai uma visão de ciência, que seria um tipo de religião, e cuja função seria conhecer o Universo como um símbolo dos propósitos divinos ou o Grande Poema de Deus. Mas com o desenvolvimento da teoria da cognição e da teoria dos signos, de 1809 em diante, Peirce apresenta o inter-relacionamento das ciências normativas, no qual a Lógica depende da Ética, que por sua vez depende da Estética. Para entenderem-se as implicações da Ética e da Estética sobre a Lógica, deve-se buscar a unidade na vida, unidade que também está nas conquistas do homem de ciência, na utilização correta do método científico. Essa unidade está no ideal estético, na admirabilidade da conduta, que é a sua qualidade estética. Finalmente, a hipótese sobre a realidade de Deus pode ser testada por meio da doutrina do pragmatismo, das suas conseqüências concebíveis.

Hookway conclui o livro com o capítulo “Avoiding Circularity and Proving Pragmatism”, discutindo a prova do pragmatismo e mostrando quais as necessidades intelectuais exigidas nessa busca e quais as condições necessárias para que a prova seja bem sucedida. Segundo Hookway, um exame cuidadoso dos manuscritos peirceanos mostra que, após 1898, Peirce fez inúmeras tentativas (entre elas, as *Harvard Lectures*, de 1903, ou os artigos do *The Monist*, de 1906) para provar sua versão da doutrina do pragmatismo, já que a versão de *How to make our ideas clearse* tornara insatisfatória. A argumentação das *Harvard Lectures* apóia-se na defesa fenomenológica das categorias como técnica para provar a verdade do realismo, e o princípio pragmático deve ser estabelecido dentro de regras lógicas, éticas e estéticas. Já nos artigos do *The Monist*, a ênfase recai no “*critical common sensism*”. Peirce, ao comparar seu pragmatismo com o de outros autores, sempre buscou mostrar ser ele uma parte da lógica, uma ferramenta para clarificar conceitos ou hipóteses. Esse é um princípio valioso porque garante informação sobre proposições ou hipóteses, ajudando na utilização do método científico para testá-las eficientemente e porque nos alerta quanto ao sentido cognitivo de hipóteses ou proposições. Para Hookway, a elucidação do conceito de verdade seria a mais famosa aplicação desse princípio. Assim, se o pragmatismo afirma que a “significação total de uma predicação de um conceito intelectual está contida na afirmação que, sob todas as circunstâncias concebíveis de um dado tipo, o sujeito da predicação se comportaria de um modo geral, isto é, seria verdade sob certas circunstâncias experimentais” (CP 5.468, de 1905), então sua mensagem seria dirigida aos “altamente metafísicos” e os nominalistas. Para os primeiros, a resposta estaria na fenomenologia e na lógica crítica e especulativa e, para os nominalistas, na continuidade real, ou seja, o processo de interação entre as coisas externas e seu impacto sobre nós, interação que é mediada pelas leis. Finalizando, Hookway lembra que Peirce sempre enfatizou que o pragmatismo não é uma teoria, mas uma doutrina construída arquiteticamente e, nesse sentido, sua verdade estaria provada.